

# Introdução

O entrecruzamento dos efeitos da classe social e do género constitui um dos principais desafios aos sociólogos que procuram auscultar as implicações das assimetrias entre os sexos nas diversas dimensões da vida social. Com efeito, a assimetria sexual imiscui-se nos processos da desigualdade social, estruturando a divisão do trabalho entre os homens e as mulheres nos diferentes domínios da vida em sociedade. Sob a forma de uma repartição de papéis na família, a divisão sexual do trabalho é inculcada através das diferentes instâncias da socialização e subordinada às desiguais oportunidades de emprego e carreira, constituindo, portanto, um aspecto crucial da negociação conjugal que se evidencia particularmente quando ambos os elementos do casal exercem profissões qualificadas com acrescidas possibilidades de carreira. Levando em linha de conta o movimento no sentido da escolarização crescente que a sociedade portuguesa testemunhou nas últimas décadas, bem como os fenómenos da mobilidade social e da consolidação da presença das mulheres no mercado de trabalho, a relação entre vida conjugal e desigualdade surge hoje como objecto de interesse redobrado para a sociologia. O trabalho de investigação, cujos resultados este livro expõe, inseriu-se no quadro desta problemática, tendo precisamente elegido por objectivo principal *averiguar o papel da vida conjugal e familiar na diferenciação social entre os homens e as mulheres*.

No plano normativo dos valores e das atitudes, diversos padrões observados na sociedade portuguesa contemporânea suscitam igualmente uma reflexão sobre a relação entre família e trabalho na análise dos processos de diferenciação social entre os homens e as mulheres. O duplo emprego instalou-se como a configuração conjugal predominante, ecoando, aliás, as atitudes da maioria dos portugueses, muito receptiva à presença das mulheres no mercado de trabalho. Todavia, essas atitudes

contrastam com o conservadorismo implícito na ideia, fortemente disseminada na sociedade, de que o trabalho das mulheres perturba o ideal desempenho da maternidade e, enfim, o papel activo das mulheres na vida familiar (Wall 2007a). Por outro lado, se é crescentemente valorizada a participação dos homens no trabalho doméstico, já a objectiva mudança no sentido de uma maior partilha dos encargos familiares está ainda bastante aquém da atitude igualitarista orientada para a partilha, atitude essa que é mais frequentemente observada junto dos meios mais escolarizados (Wall e Guerreiro 2005). Ora, esta discrepância entre valores, atitudes e práticas no que respeita à divisão sexual do trabalho profissional e do trabalho doméstico reporta à problemática da articulação entre os efeitos do género e os da classe social, problemática essa em que, precisamente, se inscreve o objecto deste trabalho de investigação.

Os múltiplos estudos desenvolvidos ao longo das últimas décadas demonstram que a família constitui, desde logo no momento da sua formação, uma peça fundamental na reprodução das clivagens sociais (Girard 1981 [1964]; Segalen e Jacquard 1971; Kellerhals *et al.* 1982; Bozon e Héran 1987a e b; Kalmijn 1994; Birkelund e Heldal 2003; Blossfeld e Timm 2003; Widmer *et al.* 2003; Esteve e Cortina 2006; Rosa 2005; Vanderschelden 2006). A persistência dos padrões matrimoniais homogâmicos recorda-nos o peso dos factores estruturais, que interferem na escolha do cônjuge sob a forma de condicionalismos exteriores – como a influência mais ou menos directa dos pais, do colectivo de pertença, dos quadros normativos, etc. –, ou de disposições incorporadas – afinidades de gosto, afinidades ideológicas, atributos pessoais em função da diferença sexual, etc. Os estudos sobre a escolha do cônjuge revelam uma diversidade de padrões homogâmicos, entre os quais se destaca a homogamia socioprofissional, ou seja, o padrão de proximidade entre os posicionamentos dos cônjuges na estrutura socioprofissional. No entanto, estes trabalhos de investigação não permitem uma antevisão da própria (des)igualdade construída no decurso da vida conjugal. A abordagem da proximidade socioprofissional entre os cônjuges circunscrita ao momento da formação do casal oferece, assim, uma visão demasiado parcimoniosa do contributo da união conjugal para a cristalização, amplificação ou, enfim, atenuação das desigualdades sociais resultantes da assimetria sexual. Com efeito, se as desigualdades de género são omnipresentes na negociação da divisão familiar do trabalho profissional e do trabalho doméstico, *o papel do casamento e da vida conjugal com filhos na diferenciação social inscreve-se então num processo cuja complexidade não pode ser reduzida à conjugação dos factores intervenientes na escolha*

*do cônjuge, decorrendo, na verdade, das lógicas que actuam na articulação entre a vida familiar e a vida profissional.*

Tendo presente as desigualdades de género que atravessam as esferas profissional e familiar – pese embora as mudanças observadas no plano dos comportamentos e, sobretudo, no das atitudes – era nosso pressuposto que os efeitos da entrada no casamento se consubstanciam gradualmente em apostas diferenciadas na carreira profissional. Este pressuposto corrobora a tese de F. de Singly, para quem «a negociação [conjugal], ela própria função do tipo de casamento realizado, modifica as proximidades e as distâncias entre os cônjuges» (1987, 182). Neste sentido, o presente trabalho de investigação procurou auscultar em que medida e de que modo o valor social do homem beneficia quer da sobrecarga feminina com o trabalho doméstico – sobrecarga essa que não pode ser dissociada do «respeito pela prioridade masculina, evidente mesmo nos grupos inclinados para a crítica da mulher no lar» (Singly 1997 [1987], 36) –, quer das qualidades relacionais da mulher que, enaltecidas no momento da escolha do cônjuge (Bozon 1990; 1990a), se traduzem, com frequência, em apoio de bastidores e exaltação da imagem do parceiro.

Como ponto de partida na definição do objecto de estudo, interplámos assim as limitações de diversas propostas conceptuais da homogamia, bem como da usual circunscrição do processo homogâmico ao momento da formação do casal. Com efeito, em virtude da sua natureza descritiva, o conceito de homogamia apresenta limitações óbvias à observação do papel do casamento nos processos de diferenciação social. O seu carácter estático permite apenas uma caracterização social sumária do casal no momento da sua formação, caracterização essa que não esclarece sobre o processo de escolha do cônjuge, nem tão-pouco, obviamente, se adequa à auscultação das implicações da negociação conjugal – e, em particular, dos compromissos envolvidos na articulação entre a vida familiar e a vida profissional – na diferenciação social entre os homens e as mulheres. Pese embora fundamental à demonstração do papel do casamento na cristalização das clivagens sociais, a conceptualização da homogamia com enfoque no momento da escolha do cônjuge não oferece a possibilidade de dar conta dos processos subjacentes às eventuais alterações das posições sociais dos cônjuges no decurso da vida conjugal. Neste trabalho, o conceito de homogamia é, portanto, sujeito a uma reformulação tendo em vista a análise das implicações da negociação conjugal e da vida familiar na construção da desigualdade social entre os sexos. Dessa reformulação teórica nasceu o conceito de *trajectória conjugal*.

Este conceito tem na sua raiz uma abordagem dinâmica da homogamia, possibilitando não apenas descrever a configuração que a proximidade socioprofissional entre os cônjuges assume ao longo da vida conjugal, mas igualmente identificar os processos e os factores co-determinantes dessa configuração. A definição de uma *trajectória conjugal* implica, assim, a observação de um conjunto articulado de dimensões. Desde a configuração do percurso do casal – resultante da confrontação entre o seu actual perfil social e aquele que apresentava no momento da sua formação – à divisão sexual do trabalho na família e à dinâmica conjugal, destacam-se ainda entre essas dimensões as soluções que as mulheres encontram tendo em vista a articulação entre os seus projectos profissionais e as solicitações da vida familiar.

A formulação do conjunto de hipóteses prefiguradas nos eixos de desenvolvimento desta abordagem alternativa e dinâmica da homogamia enquanto *trajectória conjugal* resultou de um circuito de reflexão que proporcionou aos elementos obtidos no decurso do trabalho empírico reequacionarem o quadro teórico e analítico (Merton 1987[ 1949]). A primeira hipótese prende-se com o esvaecimento, no decurso da vida conjugal, da proximidade socioprofissional entre os cônjuges que caracterizava o casal no momento da sua formação. A segunda hipótese assume que esse declínio da proximidade socioprofissional se consubstancia sobretudo numa amplificação das assimetrias de género no casal. A terceira hipótese assenta no pressuposto de que as *estratégias* elaboradas pela mulher no sentido da articulação entre a vida profissional e a vida familiar contribuem de forma decisiva na explicação da configuração da *trajectória conjugal*. A quarta hipótese reporta às implicações dos constrangimentos e vicissitudes que enredam os/as principais protagonistas da articulação trabalho-família. Por último, partimos da hipótese de que a negociação conjugal e a divisão familiar do trabalho profissional e do trabalho doméstico constituem factores co-determinantes da configuração assumida pela *trajectória conjugal*.

## 1

Tendo em vista a produção de uma tipologia de *trajetórias conjugais*, a «estratégia comparativa-tipológica»<sup>1</sup> subjacente às questões com que

---

<sup>1</sup> Reconfiguração terminológica sugerida por A. F. da Costa (1999) a propósito de uma das principais estratégias de investigação – a *investigação comparativa* ou *estudo compreensivo* – apontada por C. Ragin (1994); a «estratégia comparativa-tipológica» tem como

confrontámos a realidade empírica foi definida com o intuito de captar os processos de cristalização, amplificação ou atenuação da desigualdade no casal ocorridos no decurso da vida conjugal, por um lado, e os factores intervenientes nesses processos, por outro. As modalidades típicas de *trajectória conjugal* identificadas neste trabalho de investigação não pretendem assim – nem poderiam, tal como se depreende – dar conta da real diversidade dos percursos conjugais, nem tão-pouco retratar definitivamente a sua configuração. Constituem, na verdade, propostas de aproximação a uma realidade – a relação entre conjugalidade e desigualdade – incessantemente sujeita a transformações no decurso da vida conjugal.

Importa, na verdade, sublinhar a possibilidade de a evolução dos percursos conjugais das mulheres entrevistadas contribuir para, entretanto, desfazer os contornos que estes apresentavam no momento da entrevista. Assumindo a natureza dinâmica, insidiosa e, portanto, imprevisível da relação entre vida conjugal e desigualdade, a identificação das modalidades típicas de *trajectória conjugal* inspira-se claramente na fórmula ideal-típica (Weber 1993 [1922]), mas procura distanciar-se das insuficiências e contradições que alguns apontaram na aplicação analítica da proposta weberiana (Parkin 1996 [1982]; Collins 1986). Segundo F. Parkin, em particular, a proposta do *ideal-tipo* revela-se, por um lado, *insuficiente*, porque incita «a pensar as instituições e os comportamentos» através dos seus elementos generalizantes, e não tanto através das suas particularidades, e, por outro, *contraditória*, portanto, com o método *Verstehen* proposto pelo próprio M. Weber, método esse «que consiste em tentar identificar-se com o actor e os seus motivos, para observar a sua conduta através dos olhos do próprio actor» (1996 [1982], 3-18). Pelo contrário, as modalidades típicas de *trajectória conjugal* identificadas neste estudo exploratório assentam, em larga medida, nos universos representacionais e nos significados atribuídos pelos indivíduos. Por outro lado, são considerados problemas mais específicos, como sejam a dificuldade em enfrentar a adversidade, a negociação de papéis de género na divisão familiar do trabalho, a resposta ao conflito entre a autonomia individual exigida no mundo do trabalho e a disponibilidade solicitada pela família ou,

---

objectivo auscultar um fenómeno social na sua potencial diversidade. A «lógica analítica» subjacente nesta estratégia de investigação é, de acordo com Costa, a da «comparação entre as unidades estudadas, procurando-se organizá-las por tipos, de acordo com a maneira como se situam numa série de atributos dimensionais, ao mesmo tempo que se afina o conjunto das dimensões pertinentes, tomando em conta as configurações tipológicas a que se vai chegando» (1999, 10).

enfim, a gestão da eventual contradição resultante dos diferentes tipos de capital detidos pelos elementos do casal.

Indagar sobre a consubstanciação da homogamia numa *trajectória conjugal* envolve efectivamente a captação do sentido que os agentes dão às suas práticas nos contextos do trabalho e da família, bem como a reconstrução das lógicas e condições da sua acção e das suas escolhas. A compreensão sociológica da acção e, em particular, das *escolhas* implica a apreensão do sentido explícito ou implícito, consciente ou não, que os agentes lhes atribuem (Weber 1993 [1922], apreensão essa necessariamente alargada à própria dimensão subjectiva do sentido da acção (Berger e Luckmann 1999[1966])). Nesta perspectiva, a compreensão sociológica do sentido subjectivo inscrito nas escolhas dos agentes significa, no entanto, enquadrá-las nos contextos sociais, ideológicos e históricos de que também são o produto.

A situação de entrevista (Ruquoy 1997 [1995]; Blanchet e Gotman 1992; Ghiglione e Matalon 1992 [1978]) revelou-se, assim, o procedimento metodológico mais apropriado para a reconstituição dos universos de sentido de que os contextos da família e do trabalho se revestem junto de mulheres<sup>2</sup> confrontadas com o desafio da articulação entre as exigências da actividade profissional e da carreira, por um lado, e os encargos de uma vida familiar com filhos em idade escolar, por outro. Importava sobretudo auscultar os processos de interiorização, activação, rejeição e reformulação das normas de género que pautam a divisão do trabalho. As entrevistas realizadas representaram assim um esforço para levar um conjunto de mulheres a falar sobre as suas «escolhas» a respeito

---

<sup>2</sup> A auscultação do papel do casamento e da vida conjugal com filhos na diferenciação social através do olhar feminino resultou, exclusivamente, das exigências na articulação da dupla lógica quantitativa e qualitativa de recolha dos dados que constituíram os elementos empíricos da dissertação de doutoramento, cujos resultados se encontram, em grande parte, sintetizados neste livro. Tendo integrado a equipa do projecto «Famílias no Portugal Contemporâneo: Momentos de Transição, Interações Familiares e Redes Sociais» (ICS/UL e CIES/ISCTE), sob a coordenação de Karin Wall, o autor procurou então reunir um conjunto de entrevistadas com base no mesmo critério – mulheres-mães – utilizado no inquérito «Famílias no Portugal Contemporâneo (FPC)» de 1999 (Wall 2005). Os dados obtidos através deste primeiro retrato extensivo da vida familiar em Portugal possibilitaram efectivamente uma visão de conjunto sobre – entre tantos outros aspectos da vida familiar – a escolha do cônjuge e a homogamia (Rosa 2005). No entanto, esta abordagem quantitativa não dispensou a profundidade fundamental ao estudo dos processos da homogamia, profundidade essa unicamente assegurada pelo recurso a metodologias qualitativas (Rosa 2008). À semelhança do que havia sucedido no inquérito FPC de 1999, os resultados do trabalho de investigação de cariz qualitativo ficaram assim circunscritos à face feminina da vida conjugal e familiar.

da vida familiar, da sua actividade profissional e aspirações de carreira e, sobretudo, sobre as soluções encontradas tendo em vista a compatibilização desses dois universos de realização em que se projectam.

A entrevista define-se pelo grau de cumplicidade entre entrevistador e entrevistado quanto ao pressuposto de que a reconstituição do passado e do percurso coincide, de facto, com esse passado, com esse percurso. A natureza paradoxal desta técnica de inquirição prende-se com a dupla necessidade de distanciamento e compromisso com uma «ilusão biográfica»,<sup>3</sup> ou seja, distanciamento relativamente ao discurso comum a que o esforço de objectivação obriga, e convivência necessária, no momento da entrevista, a uma sintonia formal entre o discurso do entrevistado e as perguntas do entrevistador. A possibilidade de construção da narrativa biográfica sem as incessantes interrupções resultantes de uma excessiva directividade na inquirição esteve na origem da opção pela variante metodológica da entrevista semiestruturada e semidirectiva. Reformulado o guião da entrevista após o confronto com os primeiros relatos obtidos numa etapa de pré-teste, o trabalho de captação da realidade empírica prosseguiu numa lógica de exploração e reformulação das hipóteses, envolvendo uma «ruptura progressiva em oposição não absoluta, mas relativa, com o senso comum, numa lógica pendular entre compreensão, escuta atenta, distanciamento e análise crítica» (Kaufmann 1996, 22). Atribuindo à pesquisa empírica o papel de activação, reformulação, desvio e clarificação da teoria, muito para além, portanto, da exclusiva confirmação ou refutação das hipóteses formuladas (Merton 1987 [1949]), entregámo-nos ao incessante exercício de confrontação entre a teoria e os elementos obtidos no decurso desse trabalho empírico, exercício este que, finalmente, tornou possível a constituição das modalidades típicas de *trajectória conjugal*.

## 2

A análise dos processos determinantes da persistência ou da transformação da proximidade socioprofissional entre os cônjuges partiu então de um conjunto de relatos de mulheres que, sendo licenciadas ou pós-

---

<sup>3</sup> Tal como sublinhava Bourdieu, «esta tendência para agir como ideólogo da sua própria vida, seleccionando, em função de uma intenção global, certos acontecimentos *significativos* e estabelecendo entre eles conexões próprias para lhes dar coerência [...], encontra a cumplicidade natural do biógrafo, a quem tudo – a começar pelas suas disposições como profissional da interpretação – leva a aceitar esta criação artificial de sentido» (1986, 69).

-graduadas, exercem profissões qualificadas, residem na Área Metropolitana de Lisboa e vivem em união conjugal com filhos em idade escolar. À selecção das entrevistadas presidiram, com efeito, os critérios da escolaridade, da profissão, do perfil conjugal e parental, da idade e da residência. O *critério da escolaridade* (formação superior) das entrevistadas prendeu-se com a necessidade de controlar a variável de caracterização «grupo socioprofissional». Pretendíamos circunscrever-nos a situações socioprofissionais mais permeáveis ao fenómeno da mobilidade, seja pela aposta sistemática em recursos de natureza escolar, seja pela capitalização ou reconversão desses recursos em capital económico, etc. Por sua vez, o *critério da profissão* (qualificada) resultou do objectivo de reunir situações profissionais com maiores probabilidades de carreira. O *critério do perfil conjugal e parental* reportou-se ao propósito de observar os compromissos entre a dinâmica conjugal e as exigências da maternidade e da relação pais-filhos, sendo no entanto aleatório o tipo de vínculo (casamento/união de facto) entre as entrevistadas e os cônjuges. O *critério etário* também presidiu na selecção das entrevistadas, no que respeita tanto à sua própria idade – entre os trinta e os cinquenta e quatro anos – quanto à idade do(s) filho(s) – entre os seis e os dezasseis anos. Pretendia-se, deste modo, captar as situações de mulheres numa etapa particularmente exigente da vida familiar e profissional. Já o *critério da residência* ficou a dever-se tão-somente ao facto de a Área Metropolitana de Lisboa se caracterizar por uma particular concentração de profissões qualificadas.

Foram assim efectuadas, entre 2002 e 2003, vinte e sete entrevistas individuais em profundidade, com uma duração média de quatro horas. O número de entrevistas ficou definido quando, alcançada a diversidade de perfis e a profundidade analítica necessárias à captação da realidade empírica numa lógica heurística, se verificou uma «saturação» da informação entretanto recolhida (Bertaux 1980). As mulheres entrevistadas têm idades compreendidas entre os trinta e os cinquenta e quatro anos, sendo a faixa etária mais representada a dos quarenta aos quarenta e nove anos. Todas elas vivem a primeira conjugalidade, e a grande maioria iniciou a vida conjugal na casa dos vinte anos de idade, e sobretudo na faixa dos vinte e cinco aos vinte e nove anos. Mais de metade das entrevistadas tem dois filhos, repartindo-se quase equitativamente as demais entre as descendências ora de um filho, ora de três filhos. Apenas uma entrevistada tem uma descendência mais numerosa de quatro filhos. Quase todas elas tinham concluída a licenciatura no início da vida conjugal, reduzindo-se a três aquelas que casaram com um homem sem um diploma do ensino superior. Posicionadas maioritariamente no grupo das profis-



sões intelectuais e científicas, nem todas casaram com homens pertencentes ao mesmo grupo socioprofissional. Com uma única exceção, o conjunto de casos reunidos reparte-se entre os casamentos de indivíduos inseridos no mesmo grupo socioprofissional, por um lado, e os casamentos entre indivíduos com posições socioprofissionais vizinhas, inseridos no grupo das profissões técnicas e de enquadramento intermédio ou no grupo dos empresários e dirigentes, por outro.

### 3

O presente livro está organizado em cinco capítulos. No capítulo 1, expomos e sustentamos a nossa posição teórica. Assumindo uma perspectiva crítica face à usual circunscrição analítica da proximidade social no casal ao momento da escolha do cônjuge, definimos o objecto de estudo no quadro de uma abordagem dinâmica que propomos para a auscultação do papel do casamento e da vida conjugal nos processos de diferenciação social. Concluímos o capítulo com uma breve caracterização social e biográfica das mulheres entrevistadas e respectivos cônjuges, esboçando finalmente as modalidades típicas de *trajectória conjugal*. Nos capítulos 2, 3, 4 e 5, analisamos, por um lado, as configurações assumidas pelas dinâmicas que intervêm na articulação entre as solicitações da profissão e os encargos com a família no decurso da vida em casal com filhos. Por outro lado, procuramos demonstrar que a identificação dessas configurações – ou seja, as diversas *trajetórias conjugais* – requer a captação da diversidade de soluções esboçadas pelas mulheres no sentido de uma compatibilização das exigências destes dois universos, soluções essas que, uma vez inscritas num quadro mais ou menos negociado de divisão familiar do trabalho, não podem ser dissociadas da ordem da interacção conjugal. Cada capítulo está, portanto, estruturado de acordo com as dimensões privilegiadas no estudo da homogamia como processo em curso ao longo da vida conjugal. Um primeiro momento é destinado à análise em profundidade dos enredos da escolha do cônjuge, elegendo no quadro de cada uma das modalidades típicas de *trajectória conjugal* identificadas os casos particularmente enriquecedores na auscultação dos factores co-determinantes da formação do casal. Num segundo momento, damos conta, por um lado, da diversidade de transformações a que a proximidade socioprofissional entre os cônjuges, frequentemente observada no momento da formação do casal, está sujeita no decurso da vida conjugal. Por outro lado, procuramos captar as implicações das diferentes soluções que as mulheres encontram para articular a vida profissional e a vida fa-

miliar. Num terceiro momento, caracterizamos as modalidades de divisão familiar do trabalho doméstico mais frequentemente observadas em cada *trajectória conjugal*. Por fim, terminamos cada um destes capítulos com uma análise da dinâmica da interação e da negociação conjugal, procurando revelar as lógicas – de natureza mais individualista ou fusional, mais institucional ou companheirista, mais fechada ou aberta ao exterior – que tendem a caracterizar o funcionamento familiar, bem como as suas implicações enquanto factores co-determinantes da cristalização, amplificação ou atenuação da desigualdade no casal. Tendo presentes os resultados deste trabalho de investigação, fica reservada para a conclusão uma reflexão sobre o conjunto de hipóteses formuladas, reflexão essa destinada a contribuir para o debate em torno da problemática da relação entre a vida conjugal e as assimetrias entre os sexos.